

TURMA DA **Mônica** JOVEM

A HORA DA VERDADE



MILK
SHAKESPEARE



MAURICIO

TURMA DA
Mônica
JOVEM

Dúvidas, desafios e escolhas

O quarto volume da versão em livro da premiada série de desenhos animados da Turma da Mônica Jovem está de tirar o fôlego!

Mônica agora compõe uma música, mas o problema surge quando descobrem que a inspiração está no seu diário! Jeremias está dividido entre a recém-descoberta paixão pelo teatro e uma viagem com Titi. E Cebola vai se ver pra lá de angustiada quando **Do Contra** convida Mônica para o jantar de namorados do Limoeiro! E agora?

Três histórias incríveis, em que a Turma vai lidar com as consequências nada agradáveis da curiosidade alheia, testar os limites de uma amizade e descobrir que o amor está no ar.





Nove de Novembro

Tarde da noite. Já passa da hora de dormir. Mônica está de pijama em seu quarto, pronta para se deitar. Ela apaga a luz do abajur, deita a cabeça no travesseiro, mas as lembranças daquele dia passam como um filme em sua mente.

Mônica aperta os olhos, mas não consegue pegar no sono. Precisa escrever. Então, acende a luz do abajur novamente, abre a gaveta da escrivaninha ao seu lado e tira de lá um caderno com seu nome escrito na capa. Ela pega a caneta, anota a data e começa a registrar tudo de especial que tinha vivido naquele dia. Foram tantos momentos prazerosos ao lado das pessoas de quem gosta, que de jeito nenhum queria esquecer. Então, escreve.

O bom de contar tudo num caderno que ninguém lê é não ter que medir as palavras, poder deixar os sentimentos fluírem e as lembranças ganharem cores, nuances e até cheiro. Além disso, é possível traduzir com mais clareza as diversas lembranças que por vezes ficam todas bagunçadas na memória. Tudo fica mais claro, ordenado, e algumas vezes até ganha um novo significado.

Desde que se alfabetizou, Mônica adquiriu o costume de anotar suas vivências em cadernos.

Dentro de seu armário, lá em cima, escondia os mais antigos. Alguns duravam um ano apenas, outros, dois ou três. Não importava. Ela guardava porque não tinha coragem de se desfazer. Afinal, eles eram parte dela, mesmo que já não fosse mais a menina que os havia escrito.

Mônica não gostava muito de chamá-los de diários, porque não escrevia todos os dias, apenas quando algo de singular acontecia, tomando sua mente e seu coração. E, para extravasar aqueles sentimentos, ela os registrava, como que para deixar fluir de dentro para fora tudo que estava experimentando. Foi assim, aliás, que conseguiu controlar as emoções e parar de bater no Cebola e no Cascão quando eram crianças e eles a ofendiam.

Depois de escrever naquela noite, ela pegou no sono com facilidade. Uma sensação de leveza tomou conta dela e, ao fechar os olhos outra vez, Mônica logo adormeceu.

Semanas depois, ela está no pátio da escola com Magali. A amiga está toda animada ouvindo o *podcast* ao vivo de Denise. Quando Mônica olha, todo mundo à sua volta está segurando seus celulares – uns dividindo os fones com algum amigo, outros sozinhos – sintonizados no programa da menina. Só Mônica parece desconectada daquele mundo cibernético tão agitado.

– Heeeeeeyyyy, *darling!* Você está ouvindo o *podcast* Descolar – anuncia Denise, da sala de aula vazia onde grava. – Vamos direto à seção preferida do pessoal: Seção Recadinhos! Xaveco manda uma

mensagem pra sua admiradora secreta e diz: “Eu sei que você existe! Não adianta se esconder!”.

Usando grandes fones de ouvido, Denise está sentada sozinha de frente para um microfone plugado em um *notebook*. Embora não veja seu público, que aliás está espalhado não só no pátio, mas pela escola inteira – nos corredores, estão todos prontos para ouvir os *hits* que entraram no *ranking* da semana –, ela grava com uma empolgação como se falasse olhando para eles.

– E agora chegou o momento que todo mundo esperava... *Bora* ouvir o *hit* do momento, a mais pedida da semana! “Homem de Academia”, de Titi! Ai, eu amo essa música!

Denise aperta uma tecla em seu *notebook* e uma música animada começa a tocar. Então, se levanta e começa a dançar.

– “Supino reto e inclinado / Vou ficar muito sarado / Já botei minha regata / Pois eu pego pra valer / Pra impressionar as gatas” – canta Magali, dançando, enquanto ouve a música no celular. Ela e todo mundo. Exceto Mônica, que está sentada apoiando o rosto nas mãos, entediada.

– Argh! Que música besta! – bufa Mônica, claramente incomodada.

– Qual é o problema, Mônica? Não seja tão durona, vai. A música é legal – diz Magali.

– *Humpf*. Música tem que ser sobre sentimentos verdadeiros, profundos. Falar da experiência humana e coisas assim.

– Você está com inveja do meu sucesso. Duvido que faça melhor – desafia Titi, surgindo bem na frente dela com os braços na cintura, fazendo uma enorme sombra à sua frente.

– Claro que faço melhor! Qualquer um faz melhor que isso – responde Mônica, já em pé, encarando-o.

– Vocês ouviram? A Mônica vai fazer uma música **beeem** profunda pra gente – diz ele, virando-se para os colegas e falando alto para todos ouvirem.

– Vou mesmo! – exclama ela determinada, franzindo o cenho.

Ao sair da escola, Mônica vai direto para casa. Depois de horas tentando compor uma canção pequena que fosse com o uquelele, ela liga arrasada para Magali e pede à amiga que venha à sua casa ajudá-la. Quando a menina chega, encontra Mônica descabelada, os olhos fundos e uma expressão de profundo desespero.

– **AAAAAAAH!** Não consigo! Por favor, me ajuda, Magali! – suplica ela, segurando um bloquinho no qual havia anotado um mísero verso.

– Calma, Mô. Deixa eu ver – pede ela, pegando o caderno da mão de Mônica e lendo: – “Eu tinha um barco / Que afundou no oceano / Que tristeza profunda / É o sofrimento humano”...

– E aí? O que achou? Consegui passar alguma emoção verdadeira?

– Hã... não muito, pra ser sincera – responde Magali, com um sorriso amarelo.

Mônica suspira.

– Desisto. Acho que não sei falar sobre emoções...



– Calma, MÔ. Outro dia, li num *site* que todas as cantoras famosas do momento buscam inspiração em seus diários! Tá super na moda! Você tem um diário, não tem?

– Diário? T-tenho... Quer dizer, não é um diário propriamente dito, porque, como o nome sugere, não escrevo nele todos os dias, mas tenho um caderno em que escrevo algumas coisas de vez em quando, sim – admite ela, hesitante.

– Então! Por que não escreve sobre uma coisa que tenha acontecido de verdade com você? Algo que a tenha marcado... profundamente...

– Mas... Mas eu vou contar da minha vida assim? Vai ser muita exposição! – argumenta Mônica, com a voz aflita.

– Ai, amiga, mas não precisa dizer o que é com todas as letras, né? O que importa é o sentimento. Ninguém vai saber do que você está falando.

Mônica leva uma das mãos ao queixo e pondera um pouco, olhando a gaveta da mesinha ao lado da cama. Será que aquilo ia dar certo? Extrair um

trecho de suas palavras dali para fazer uma música? Logo ela, que nunca quis que ninguém soubesse o que escrevia? Aquelas páginas eram um lugar seguro, só dela.

Mas e se Magali tivesse razão? E se ela conseguisse compartilhar seus sentimentos com as pessoas sem dizer exatamente pelo que ou por quem... Quem iria saber?

Enquanto todas essas dúvidas pairam em sua mente, Mônica estica a mão, abre a gaveta, tira seu caderno lá de dentro e o levanta na altura dos olhos. Então, respira fundo, toma coragem e o abre numa data aleatória para ler.

Dias depois, Mônica está de novo em seu quarto. Desta vez, sua energia é outra. Sentada na beira da cama, calçando os tênis, está tranquila, pois aquele é um dia que promete não ter grandes surpresas.

– Mônica, você está atrasada! – exclama dona Luísa lá de baixo, apressando-a.

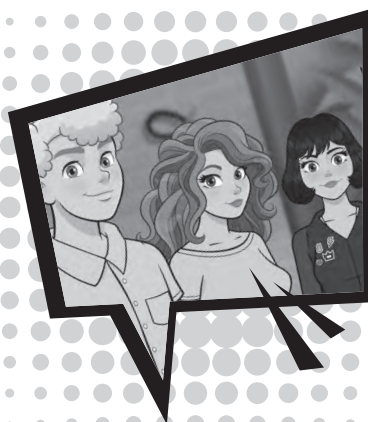
– Ai, mãe, desencana! Hoje é o último dia de aula antes das férias. Vai ser de boa, não vai acontecer nada de importante – responde ela, enquanto abre a mochila e coloca o caderno lá dentro. Logo em seguida, se lembra: – Quer dizer, só a minha entrevistaaaa! – exclama ela, chacoalhando os braços, empolgada, enquanto caminha apressada para a escola.

“Naquela viagem, algo despertou / Um sentimento em mim revirou / Como mil borboletas em meu

estômago / Você me mudou... Você me mudou...
Agora te vejo de outra forma / Mas será que é amooor?
/ Será que é amooor? Não posso te ter a
qualquer hora..."

Os versos ecoam nos fones de ouvido dos alunos da escola inteira. Nos corredores, todos estão inebriados pela canção que foi a mais pedida no programa de Denise na última semana. Até Cebola, que nunca dá o braço a torcer, se deixa levar pela música da amiga, enquanto Cascão cruza os braços, entediado por ouvir de novo a mesma coisa.





ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JULHO DE 2022